



MÍRIAM LEITÃO

Números flutuantes

• O Brasil pode ter perdido até agora US\$ 12 bilhões em remessas de dólares e vendas de reservas para conter a cotação da moeda americana desde que foi decretado o regime de livre flutuação. O contraditório é que a livre flutuação foi apresentada como uma forma de proteger as reservas. O secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, não confirma o número, mas lembra que este foi o pior período.

No dia 15 de janeiro, quando o Banco Central decretou a livre flutuação, as reservas do país estavam em US\$ 39,3 bilhões, calcula Roberto Padovani, da Tendências. Naquela época havia mais transparência nos números cambiais do país. Diariamente eram divulgados os volumes do fluxo cambial.

Agora as reservas estão em US\$ 34 bilhões. Só na quarta-feira, as reservas caíram em US\$ 300 milhões.

No mesmo período, entraram US\$ 6 bilhões de investimento direto mais antecipação de privatização. E entrou também um empréstimo de US\$ 1 bilhão do Banco Mundial.

Mesmo se não tiver havido nenhuma outra entrada, de lá para cá, as saídas e as vendas de reservas superaram US\$ 12 bilhões.

— O número pode ser até mais, mas o fato é que está contado aí o fluxo das amortizações e o pior período de entradas de recursos — disse Amaury Bier.

De fato, mas para conseguir perder apenas US\$ 5 bilhões de reservas desde o início da flutuação, o país precisou convencer as empresas telefônicas a anteciparem a entrada de US\$ 3,5 bilhões em pagamento de futuras parcelas e consumiu todos os recursos de investimento direto que entraram no país neste período. E tudo o que pode apresentar agora como resultado é ter mantido a alta do dólar em 53%, desde o início da mudança cambial.

Esta política só é sustentável se o país começar a ter uma entrada maior de recursos. A viagem da equipe econômica não conseguiu inverter o sinal. Conseguiu apenas a promessa dos bancos de que a situação não vai piorar.

— Dizer que os bancos se comprometeram a renovar 100% das linhas que forem vencendo é o mesmo que dizer que será mantido o nível de 28 de fevereiro. Tecnicamente dá no mesmo. Não significa aumentar, mas é bom lembrar que antes elas estavam diminuindo — diz Amaury Bier.

E o que os bancos se comprometeram por escrito é em manter por mais seis meses o

atual nível de linhas, que tem sido, como se vê, absolutamente insuficiente para alavancar as exportações e financiar o fluxo de amortizações do país.

Amaury acha que o sinal vai se inverter na medida que o país for produzindo sinais para alimentar o otimismo.

Um deles foi dado ontem com a aprovação da CPMF. Mas Amaury diz que serão divulgados nos próximos meses bons sinais fiscais. O número do Governo central em fevereiro será muito bom graças à arrecadação recorde.

— Além disso, estão saindo sinais de que a inflação está menor do que se temia e que a taxa de câmbio está se estabilizando — diz Amaury Bier.

De fato tudo isto pode servir para virar o humor nos grandes bancos em relação ao Brasil. Hoje, o ambiente ainda é de frieza, de esperar para crer.

Há sinais ambíguos produzidos pelo Governo também. Os rumores de um pacote de ajuda às empresas aéreas, o acordo que o Tesouro vai pagar precatórios da Prefeitura paulista, a declaração do presidente sobre ajuste fiscal. Fernando Henrique disse ao GLOBO que “ajuste fiscal acaba se transformando numa armadilha do mercado. Você vai fazendo e eles querendo sempre mais. Os recursos para este ano estão garantidos e outras questões serão enfrentadas”.

Para um país com 10,34% de déficit nominal, ajuste fiscal é uma necessidade e não porque o mercado quer. Além disso, garantir recursos para este ano sem fazer mudanças estruturais no gasto não ajudará.

O fato é que as saídas de recursos diários estão sendo agora até maiores do que em alguns dias do começo do ano. Nos primeiros seis dias úteis de janeiro, saiu pouco mais de US\$ 1 bilhão acumulado. As saídas dispararam dois dias antes de ser feita a mudança cambial. Nestes dois dias é que as saídas passaram de US\$ 1 bilhão ao dia. O gráfico abaixo mostra exatamente o exagero do movimento de saída nos dias que antecederam a desvalorização. Uma curva que intriga muita gente.

Editoria de Arte

FLUXO DIÁRIO DE DÓLARES EM JANEIRO

